



Coleção
Raízes do Futuro

04

COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA CAMA

ACAIACA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Ana Paula Ramos, Efigênia Maria dos Anjos Camilo,
José Madalena Rosa, Maria Aparecida da Silva Chagas,
Maria Marina de Lima, Raissa Cristina de Lima,
Rejane Aparecida Lima.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves,
Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares
Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro,
Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

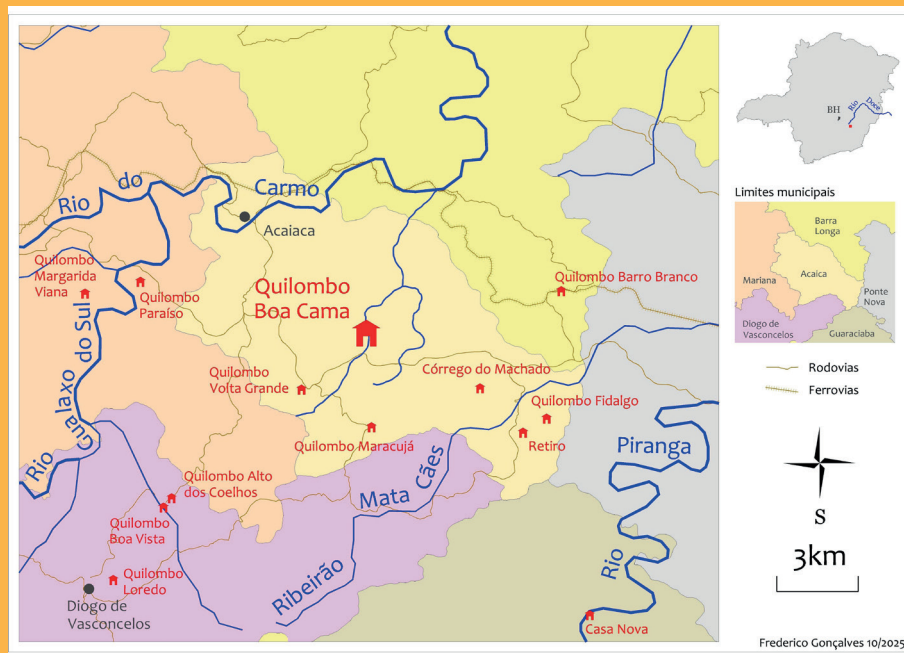
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADE QUILOMBOLA BOA CAMA

ACAIACA - MG

Localização da Comunidade

A comunidade Boa Cama está localizada a 11 km da sede do município de Acaiaca, na região da Zona da Mata mineira. O território é dividido em duas partes: Boa Cama de Cima e Boa Cama de Baixo. A divisão é feita pela estrada asfaltada, que separa a área mais alta da mais baixa. Na parte de Boa Cama de Cima estão localizados os setores Venda Nova e José Lopes; já na parte de Boa Cama de Baixo estão Gangula, Morais, Pai Vicente, e Boa Cama. Atualmente, a comunidade é formada por 55 famílias.



História

Os primeiros habitantes vieram das cidades de Diogo Vasconcelos, Porto Firme, Sem Peixe, Barra Longa e Taquaraçu, atraídos pelas oportunidades de trabalho nas fazendas locais. Muitas famílias se instalaram em terrenos cedidos pelos fazendeiros, em busca de espaço para o plantio e de acesso à escola para os filhos. A formação da comunidade tem origem na primeira metade do século XX, quando algumas dessas famílias já começavam a se estabelecer na região.

O nome surgiu de forma curiosa: tropeiros que passavam conduzindo gado pela região pediam pouso na fazenda conhecida como Boa Cama, também chamada de Pastinho, por ser um espaço usado para criação de cabritos. Ao partir, agradeciam sempre dizendo “Boa Cama”, e a expressão acabou se tornando o nome do lugar.

A vida comunitária sempre foi marcada pela união. As famílias se ajudavam nas dificuldades financeiras, em momentos de doença e realizavam trocas de favores e serviços. As mulheres se reuniam para buscar lenha, coletar barro branco para revestir as paredes das casas, recolher estrume de boi para aplicação no chão e confeccionar vassouras para varrer os arredores. Quando precisavam levar comida aos trabalhadores nas roças, iam em grupo.

Localizada em Venda Nova, a Capela de Glorioso Mártir São Sebastião, conhecida como Capela Venda Nova, é datada de meados do século XIX. Atualmente, está desativada por conta da distância. Localizada dentro de um cemitério, ela só é aberta no Dia de Finados, em 2 de novembro. Hoje, as atividades religiosas acontecem no Centro Comunitário, que fica mais próximo da comunidade.

Entre as memórias guardadas está a história de José Maria, conhecido como Juca, nascido em Sem Peixe, de família simples e honesta que vivia em terras de um fazendeiro, sem posse

própria. Juca cuidava dos animais e realizava serviços braçais. Ao falecer, em 1956, seu cortejo fúnebre passou pelo curral, e os bois que ele cuidava seguiram o caixão, berrando até certa distância, causando grande comoção entre os presentes.



■ Levantamento de bandeira festa de Nossa Senhora

Entre os moradores antigos lembrados pela comunidade estão Antônio Júlio, conhecido como Gregório, filho de Francisco Antônio Gregório e Paulina Antônia Angélica, nascido em 16 de junho de 1923, casado em 31 de junho de 1947 e falecido em 14 de agosto de 2013; Antônio dos Anjos, apelidado de Caetano, filho de Caetano José Coelho e Vitalina Brígida, nascido em 31 de maio de 1922, casado em 16 de agosto de 1947 e falecido em 5 de maio de 2008; e Dalila Gomes, filha de Joaquim Gomes e Hortência Horta, nascida em 10 de maio de 1920, casada em 16 de agosto de 1947 e falecida em 4 de maio de 1994.



■ Bodas de Ouro do casal Antônio Júlio da Silva e Amelina Gomes.

Os registros de terra incluem escrituras, recibos de compra e venda, registros e ITR - Guias de pagamento do Imposto Territorial Rural. Um exemplo é a compra realizada por Antônio Júlio de terras de Martins Gomes, registrada em 27 de março de 1899, na Boa Cama.

O território da comunidade, no passado, era formado por várias fazendas: Fazenda Boa Cama (Antônio Servo), Fazenda Venda Nova (Martins Afonso, antes Belchior Fontoura), Fazenda de Manuel Gregório (posteriormente da família “do Sulé Brancola” e de Sebastião Pimenta), Fazenda Engenho Novo (Manuel Crispim), Fazenda Moinho Seco (Manoel Pio), Fazenda do Moraes (Sr. Henrique) e Fazenda de São Benedito (Henrique Baltazar). A Fazenda Engenho Novo, da época da escravidão, ficou conhecida por histórias de assombração. Havia ainda uma ermida com santos, onde se rezava ladainha aos domingos. A ermida foi desmontada e vendida, e contam que o material foi parar em Goiás. Muitas dessas sedes não existem mais.

A primeira escola da comunidade foi criada em 1964, quando Dona Jovita já morava no local. A primeira professora foi Maria Anselma da Silva, e a escola funcionava no porão da fazenda de sua família. O nome era Escola Rural de Boa Cama, na comarca de Mariana. Com o tempo Dona Jovita também passou a lecionar na escola, sendo os turnos divididos pelas duas professoras.

Com problemas de saúde, Maria Anselma foi afastada, e a escola transferida para a casa de Dona Jovita. Mais tarde, com o aumento no número de alunos, sua irmã Imaculada da Conceição Baltazar também passou a lecionar, e as aulas foram para o porão da casa de Jovita, dividido em duas salas.

A pedido da comunidade, o prefeito João Pedro de Souza construiu uma escola em terreno doado pelo marido de Jovita, Osvaldo Emiliano da Silva. A escola possuía, então, duas salas e continuava com as mesmas professoras. Com o passar do tempo e a nova gestão do prefeito Antônio Machado, ela passou a se chamar Maria Joana da Silva, em homenagem a uma professora de Acaiaca que lecionava em Boa Cama. Nesse período, começaram a lecionar professoras vindas de Acaiaca, como Meire Gonçalves, Ivone Vieira, Jaqueline e Valéria. Mais tarde, com a diminuição do número de alunos, a escola foi fechada e as crianças transferidas para Palmeira, Palmeiras de Fora e Acaiaca. Já no mandato do prefeito João do Carmo Macedo, em 2005, o prédio da escola foi destinado à Escola Família Agrícola Paulo Freire e a Associação Regional Escola Família Agrícola (EFA).

A EFA Paulo Freire está localizada no mesmo espaço que o Centro Comunitário de Boa Cama, que foi inaugurado em 30 de junho de 2000 e, posteriormente, a pedido dos moradores, a Prefeitura de Acaiaca implementou o posto de saúde também no local.

A EFA Paulo Freire foi criada em 2003, a partir da união de agricultores de Acaiaca e região, junto a entidades sociais e

políticas, para atender jovens do campo que não se adaptavam às escolas tradicionais. A batalha pela escola começou anos antes, pois já em 1991, havia sido discutida a ideia de uma escola com pedagogia diferenciada, ligada à realidade rural e à cultura camponesa.



■ Centro de Saúde de Boa Cama

Com o apoio da comunidade, decidiu-se criar uma escola que oferecesse o ensino médio integrado ao curso técnico em agropecuária, valorizando os saberes populares e as demandas locais. Em 2002 nasceu a Associação Regional da Escola Família Agrícola Paulo Freire (AREFAP), que oficializou a fundação da EFAP no ano seguinte. O nome homenageia Paulo Freire pela proximidade com sua proposta pedagógica.

A Associação Regional Escola Família Agrícola Paulo Freire e a EFA Paulo Freire oferecem uma educação profissional do campo, em alternância, comprometida e contextualizada, que valoriza os conhecimentos tradicionais e quilombolas. Esses princípios estão presentes nos objetivos do Estatuto da Associação, no Regimento Interno, no Projeto Político-Pedagógico, no Plano de Curso, na Matriz Curricular e no Plano de Formação da EFA. A proposta educativa é voltada para os valores e saberes dos ancestrais, destacando a tradição quilombola, a

agroecologia, a cultura popular, a culinária tradicional, o manejo e uso das plantas medicinais, o reconhecimento e a certificação quilombola, a produção e a troca de sementes e mudas nativas, além da preservação de festejos e grupos culturais tradicionais. A matriz curricular inclui disciplinas como Agroindústria Familiar, Agroecologia, História, Administração, Agricultura, Legislação Ambiental, Arte, Sociologia, entre outras.

É importante lembrar de outros setores do território de Boa Cama: Pai Vicente, José Lopes e Gangula.

Sobre o setor Pai Vicente, temos poucas informações, já que os mais velhos não estão mais entre nós. O que se sabe é que, antigamente, havia lavoura de café, engenho de moer cana e produção de rapadura. Também havia plantio de alho. Algumas famílias ainda vivem na propriedade deixada pelos antepassados.

O setor José Lopes é pequeno e formado, em sua maioria, pela família do senhor Sebastião Mendes e de Dona Benta Domingos Ferreira, conhecida como Dona Benta, além do senhor João Rodrigues e seus irmãos.

Já o nome Gangula, segundo os mais antigos, surgiu por causa de uma dívida de imposto da terra. A área quase foi a leilão, mas o dono conseguiu pagar um dia antes. Em homenagem, deram o nome “Gangula” à região, que significa que foram grandes diante da situação.

Território

A comunidade de Boa Cama é rural, com estradas que possuem apenas pequenos trechos asfaltados, sendo a maioria de terra. O território apresenta poucas áreas de florestas preservadas, predominando as pastagens, além de muitas nascentes, algumas delas sem proteção.

O território é dividido em 6 setores, devido a sua grande extensão: Gangula, Morais, José Lopes, Pai Vicente, Venda Nova

e Boa Cama. Em alguns pontos, as casas ficam próximas umas das outras; em outros, são mais espaçadas. As residências são construídas em alvenaria, com piso, e geralmente possuem quintais com plantações de árvores frutíferas, hortaliças e criação de animais domésticos.

No território, encontram-se uma capela com cemitério, uma igreja evangélica, um bar, um restaurante, um campo de futebol, um centro comunitário, um posto de saúde e a Escola Família Agrícola (EFA) Paulo Freire.

No passado, as casas eram simples, construídas com materiais da própria região, como madeira e barro branco. A vida girava em torno das lavouras, hortas e quintais, pertencentes aos fazendeiros. Plantava-se milho, feijão, arroz, fava, abóbora, cana, café, e criava-se gado e cabritos. Os carros de boi eram usados para transportar colheitas.



■ Corjesus, antigo morador da comunidade, juntando feijão do seu plantio.

O “Pastinho” era o local de criação de cabritos. A água vinha de nascentes, cisternas e de um poço artesiano, sendo utilizada para consumo, irrigação, limpeza das criações e construção.



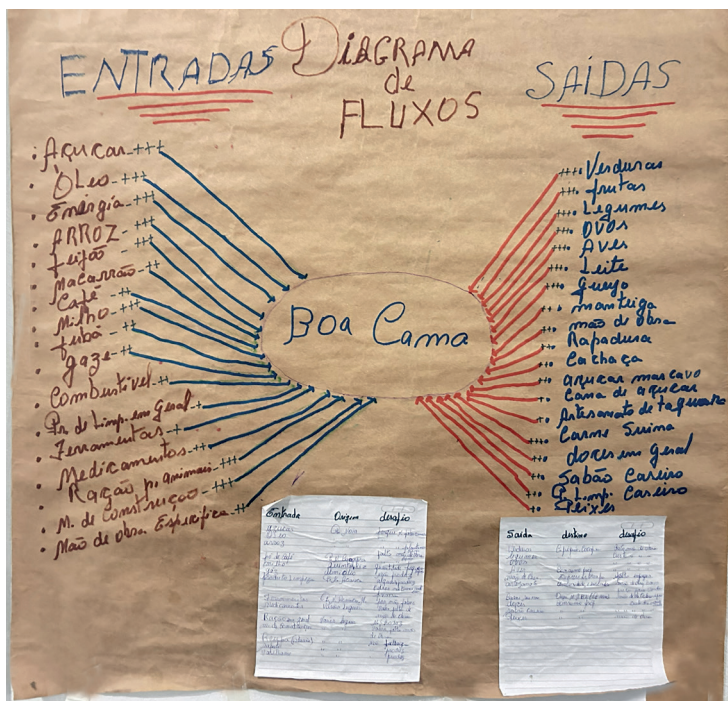
- Mapa simbólico de Boa Cama

Economia e Sociedade

Antigamente, a economia baseava-se na agricultura de subsistência e no trabalho para os fazendeiros, muitas vezes com plantio para o patrão em troca do uso da terra, dividindo a produção. Além do cultivo, havia corte de lenha para carvão, fabricação de tijolos, serragem de madeira, coleta de barro branco e lenha para uso doméstico.

As atividades culturais incluíam bailes, batuques, danças, pescarias, caçadas, partidas de futebol e encontros nos botecos.

Na comunidade de Boa Cama, a dinâmica econômica funciona da seguinte forma: nas entradas estão os produtos que a comunidade precisa comprar, como açúcar, óleo, energia, arroz, feijão, macarrão, café, milho, fubá, gás, combustível, produtos de limpeza, ferramentas, medicamentos, ração, material de construção, além de mão de obra especializada. Esses itens vêm principalmente de Ponte Nova, da Cooperativa da Agricultura Familiar Solidária de Acaiaca (Coapra), e também, de outros lugares.



■ Diagrama de Fluxo da Comunidade Quilombola Boa Cama

Já as saídas são os produtos que a comunidade produz e consegue vender, como verduras, frutas, legumes, ovos, aves, leite, queijo, manteiga, rapadura, cachaça, açúcar mascavo, cana-de-açúcar, artesanato de taquara, carne suína, doces em geral, sabão caseiro e peixes, além de mão de obra. Esses produtos e serviços têm como destino as empresas, as comunidades vizinhas, Diogo Vasconcelos, a Coopra e, também, o consumo próprio.

Atualmente, as famílias de Boa Cama são compostas em sua maioria por pessoas idosas, já que muitos jovens se mudaram para outras cidades em busca de melhores oportunidades. Na comunidade, permanecem poucas pessoas, que contam com alguns serviços básicos: saúde, telefone, energia elétrica, água encanada, estradas, transporte escolar fornecido

pela prefeitura de Acaiaca, internet, TV, campo de futebol, salão comunitário, atividades recreativas e religiosas semanais, além da visita de um médico uma vez por semana. As famílias cultivam pequenas propriedades, vivem principalmente de suas aposentadorias e enfrentam dificuldades com a falta de mão de obra para o trabalho no campo.

O padroeiro da comunidade é São Sebastião, mas em Boa Cama também se celebra a festividade de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora Aparecida. A comunidade não possui Congado, mas recebe a visita da Folia de Reis Sagrada Família, de Acaiaca e de Volta Grande. A Festa da Terra acontece sempre no final de agosto, com a participação da comunidade local e de outras vizinhas, reunindo diversas atividades culturais e religiosas, que envolvem todos os grupos e movimentos sociais. Já o terço dos homens é semanal e a missa mensal.

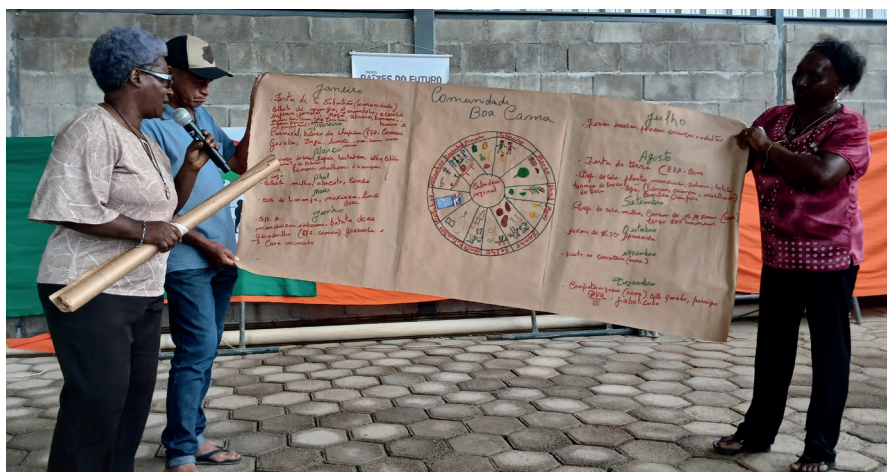
No Centro Comunitário acontecem missas, catequeses para crianças e adultos, preparação para batismo, celebração da palavra, adoração ao Santíssimo, reuniões dos vicentinos, terço dos homens, encontros das mães que oram pelos filhos e eventos sociais.

A dinâmica anual da Comunidade de Boa Cama reúne festas, celebrações religiosas, colheitas e atividades coletivas ao longo do ano. Em janeiro acontece a festa do padroeiro São Sebastião, além da colheita de manga, carambola, acerola, eugênia, jamelão, maçã, abacaxi e banana, realizada por homens e mulheres. Nesse mês também ocorrem missas, rezas do terço e encontros de catequese. Fevereiro é marcado pelo carnaval, com o bloco de chapéu na EFA, e pela colheita de goiaba, ingá e limão.

Em março, há a preparação do solo para o plantio de feijão, colheita de hortaliças, alho e cebola, além da prática devocional da Via Sacra, da qual participam homens, mulheres e crianças. Abril é o tempo da colheita de milho, abacate, laranja, mexerica e mamão doce.

No mês de junho, a comunidade colhe mandioca, inhame, batata, graviola e cará mimosa. Julho é marcado pelas férias escolares das crianças e dos jovens. Em agosto acontece a festa da terra na EFA, além do preparo do solo, plantio de mandioca, inhame e batata. Ocorre também o torneio de truco e o evento da Comitiva Caipira, envolvendo toda a comunidade.

Setembro traz a preparação do solo, a colheita do milho e a reza do terço. Em outubro, acontece a novena de Nossa Senhora Aparecida. Novembro é marcado pela visita ao cemitério no dia de Finados, e dezembro encerra o ciclo com a confraternização e a coleta de quiabo, pêssego, jabuticaba e uva.



■ Calendário Sazonal de Boa Cama

A comunidade tem se mobilizado para discutir melhorias locais e fortalecer sua organização. Entre as pautas, destaca-se o processo de autodefinição quilombola, entendido como um passo importante para o reconhecimento da história, da ancestralidade e dos direitos do grupo. Essas conversas também envolvem temas como valorização cultural e acesso a políticas públicas, reafirmando a identidade coletiva e o compromisso com a continuidade das lutas históricas. ■

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

